

---

## PANDEMIA E VEICULAÇÃO

---

## DE NARRATIVAS TRADICIONAIS

---

## PARA CRIANÇAS: UM DIÁLOGO

---

## COM AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS\*

---

DOI 10.18224/frag.v32i2.12356

DANIELA BARROS DA SILVA FREIRE ANDRADE\*\*  
ERICA NAYLA HARRICH TEIBEL\*\*\*  
ELIZA MARIA MOREIRA FIGUEIREDO\*\*\*\*

*Resumo: o trabalho apresentado objetiva registrar e teorizar sobre os esforços realizados por um grupo de pesquisa voltado para estudos sobre e com crianças, que durante o período da pandemia elaborou e fomentou um perfil no Instagram orientado para a difusão de materiais que visavam promover o diálogo sobre saúde e cuidado com as crianças neste contexto de crise. Foram selecionados quatro episódios veiculados no perfil da rede social que tiveram o compartilhamento de narrativas tradicionais como fundamento para a promoção do diálogo com as crianças sobre o cuidado. Tais episódios foram analisados compreensivamente tendo como base o referencial teórico das representações sociais. Como resultado foi possível refletir acerca da potencialidade na veiculação de narrativas tradicionais como recursos simbólicos em tempos de crises e incertezas, visando a promoção de saúde e bem-estar em crianças.*

*Palavras-chave: Narrativa. Educação em Saúde. Crianças. Pandemia. Representações Sociais*

**E**m janeiro de 2022 a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) publicou o documento “*Strengthening mental health responses to COVID-19 in the Americas: A health policy analysis and recommendations*” (TAUSCH *et al.*, 2022) examinando estudos e dados de países do continente americano em um esforço para

---

\* Recebido em: 24.04.2022. Aprovado em: 15.06.2022.

\*\* Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) campus Cuiabá. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância (GPPIN). *E-mail:* freire.d02@gmail.com.

\*\*\* Doutora em Educação e pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá (PPGE/UFMT). Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância-GPPIN. *E-mail:* ericanayla@yahoo.com.br.

\*\*\*\* Psicóloga graduada pelo Curso de Psicologia da UFMT. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia da Infância-GPPIN. *E-mail:* elizafigueired@gmail.com.

compreender melhor o impacto da pandemia na saúde mental da população. Este artigo destacou o efeito devastador deste evento sobre a saúde mental e o bem-estar das populações das Américas.

Como exemplo, os estudos freire.d02@gmail.com analisados neste trabalho destacaram que, na pandemia, mais de quatro em cada 10 brasileiros tiveram problemas de ansiedade; que os sintomas de depressão aumentaram cinco vezes no Peru; e que a proporção de canadenses que relataram altos níveis de ansiedade quadruplicou. O documento ressaltou ainda que a pandemia pode se apresentar como uma oportunidade para visibilizar a importância da saúde mental tanto para o bem-estar geral de uma população, como fortalecer a ideia de que esta é um direito humano fundamental (TAUSCH *et al.*, 2022).

Deste modo, observa-se que o contexto provocado pela pandemia do Covid-19 convida a refletir sobre a promoção de saúde, cuidado e bem-estar em um cenário de emergência e crise, marcado pela escassez de recursos e pela falta da interação face a face provocado pelo distanciamento social.

Serrão, Trevisan e Sarmiento (2020) alertam que com o fechamento das escolas e o confinamento das crianças no contexto doméstico a “invisibilidade social” que elas já costumavam sofrer, tal como a indiferença perante o que as crianças pensam, sentem e vivem, pode ter aumentado drasticamente.

O estudo de Santana *et al.* (2020) também destaca resultados preocupantes, ao discutir sobre as imagens sociais acerca das crianças veiculadas em *memes* durante a pandemia, denunciam as desigualdades de infâncias e a forma como esse grupo geracional tem sido silenciado e alijado dos seus direitos, especialmente no que tange aos direitos de participação. Eles também destacam a naturalização da violência e a estigmatização da criança, além da ausência de condições estruturais para garantir a sua proteção integral.

Mobilizados por este cenário, o trabalho aqui apresentado objetiva registrar e teorizar sobre os esforços realizados por um grupo de pesquisa voltado para estudos sobre e com crianças, que durante o período da pandemia elaborou e fomentou um perfil no Instagram orientado para a difusão de materiais que visavam promover o diálogo sobre saúde e cuidado com as crianças neste contexto de crise.

## EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM UMA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL

Uma das formas de se promover saúde e bem estar se relaciona diretamente com a Educação em Saúde. Segundo Stotz (2007) existem diferentes enfoques quando se aborda a ideia de Educação e Saúde. Um deles encontra-se vinculado às bases filosóficas da Biomedicina. Para o autor:

O modelo de ser humano da biomedicina é o organismo humano, uma abstração analítico-mecanicista construída ao longo do tempo da modernidade, isto é, da organização da sociedade fundada no modo de produção capitalista e no desenvolvimento correspondente das práticas científicas, políticas e institucionais que lhe deram forma e legitimidade a partir do século XVII até os nossos dias (STOTZ, 2007, p. 47).

Neste aspecto, a educação que se orienta por meio do «modelo biomédico» associa padrões comportamentais e padrões de doença e com isso, visa estimular ou persuadir as pessoas a modificar esses padrões, substituindo-os por estilos de vida mais saudáveis. Como implicação desta corrente de pensamento, é possível identificar um enfoque que se restringe a racionalidade médica tradicional, negando correntes médicas alternativas e os conhecimentos tradicionais da população.

Segundo Pagliosa e Da Ros (2008) ao adotar o modelo de saúde-doença unicausal, biologicista, sua proposta reservou pouco espaço para as dimensões social, psicológica e econômica da saúde, demonstrando um descompromisso com as necessidades da população, de modo a desencadear a “crise da Medicina”. A partir desse movimento, os autores relatam mobilizações, que no caso do Brasil, desencadearam na criação do Sistema Único de Saúde (SUS) e seu projeto de humanização.

No interior desta nova perspectiva, o modelo de Educação Popular em Saúde é integrado a ideia de Educação e Saúde. Este movimento, segundo Stotz (2007), marcado por diferentes correntes de pensamento (cristianismo, humanismo, socialismo) tem sua convergência pelo compartilhamento dos princípios da Educação Popular formulados por Paulo Freire. Stotz (2007, p. 55) caracteriza a Educação Popular em Saúde como “um movimento social de profissionais, técnicos e pesquisadores empenhados no diálogo entre o conhecimento técnico-científico e o conhecimento oriundo das experiências e lutas da população pela saúde”.

Essa perspectiva se mostra especialmente relevante para este trabalho na medida em que se compartilha com Apostolidis *et al.* (2020) a compreensão da saúde a partir de uma perspectiva psicossocial, quando se caracteriza esse fenômeno como complexo e multideterminado pela dinâmica de fatores biológicos, psicológicos, relacionais e sociais.

Segundo Apostolidis *et al.* (2020) essa perspectiva sobre saúde convida a considerar a natureza simbólica que atribui sentido à vivência da doença, um objeto de conhecimento que é também compartilhado socialmente, em espaços de negociação e trocas, permitindo acesso a sistema de interpretações e caminhos de cuidado sobre esse acontecimento. Neste sentido, o olhar psicossocial permite elucidar a doença como um fenômeno subjetivo e social, que envolve um conjunto de significados, atores, características, experiências, conflitos, relações e lugares.

Com tudo isso, a perspectiva psicossocial da saúde reitera o reconhecimento da função social que porta o conhecimento do senso comum, compreendendo que a capacidade de autocuidado é decorrente não apenas de conhecimentos científicos, mas ainda, se relaciona com a inscrição do sujeito em uma realidade com determinantes concretos e cercados por simbolismos sociais.

Neste sentido, compreende-se que a teoria das representações sociais se apresenta como um aporte teórico fecundo para elucidar objetos complexos tais como a ideia de promoção de saúde e bem estar no contexto da pandemia do COVID-19.

Para Moscovici (2010) o conhecimento do senso comum não pode ser compreendido como um saber distorcido e errado como algumas pessoas supõem, pois servem aos propósitos da vida diária. O autor desenvolveu em sua tese de doutorado a Teoria das Representações Sociais que compreende que o conhecimento desenvolvido no cotidiano das pessoas deve ser visto como uma maneira específica de compreender e comunicar saberes que têm como objetivo abstrair os sentidos do mundo, introduzindo nele ordem e percepções que o reproduzam de forma significativa. Logo, o trabalho da representação social seria o de servir como meio de interpretação da realidade, atenuando as estranhezas, introduzindo-as em um espaço comum, em uma linguagem compreensível para seu interlocutor, provocando encontro de visões e de expressões díspares.

Moscovici (2010; 2012) esclareceu que o pensamento do senso comum implica, como todo pensamento, em um sistema de relações operatórias e um metassistema de relações de controle, de validação e de manutenção de coerência. Os processos operatórios são controlados por meio de regras (lógicas ou não) que irão reorganizar o material produzido pelo primeiro. Essa dimensão trata-se de um metassistema composto por relações normativas que irão controlar, verificar e orientar a dimensão operatória.

Doise (2011) esclarece que o metassistema ou princípios organizadores da representação gerenciam discursos e tomadas de posição. São compostos por normas e princípios fortemente

imbricados aos contextos sociais. O autor explica que múltiplos esquemas organizadores compõem o metassistema das representações sociais tais como roteiros, regras e normas. Eles são apropriados a cada situação e regem as diferentes interações sociais nas quais as pessoas participam. São esquemas pré-existentes ao funcionamento cognitivo individual, que se fazem presentes na cultura e são atualizados em certas situações.

Neste sentido, Teibel (2017) ao fazer um levantamento sobre as redes de significações associadas ao cuidado em saúde conseguiu identificar o delineamento histórico de duas redes. Uma delas, inscrita na memória social há mais de 100 anos, se relaciona com a definição da Medicina como um saber do campo científico, reduzindo o objeto de ação médica à cura biológica. Nessa perspectiva, o papel do médico é descrito como detentor do saber e o paciente como portador de uma condição clínica. Os valores ressaltados envolvem tecnologia, especialização e controle. Ainda nessa perspectiva, o desenvolvimento da Pediatria indicou que o cuidado voltado para a criança, apresentava o papel do médico relacionado com a proteção da infância, sendo a criança caracterizada tanto por sua dificuldade na comunicação, quanto por seu devir. Com isso, a atuação médica ganhou também contornos educativos e disciplinares. É possível identificar a proximidade da Educação e Saúde vinculada às bases filosóficas da Biomedicina, conforme descrito por Stotz (2007), nesta rede de significações.

A outra rede de significação sobre o cuidado em saúde identificada por Teibel (2017), apresenta-se mais recente na memória social, encontrando-se associada aos movimentos de humanização que surgem justamente em resposta a uma visão reducionista do processo saúde-doença. Nesta rede, existe o destaque da dimensão ética e relacional, enfatizando valores como protagonismo, corresponsabilidade e autonomia das diferentes personagens na produção de saúde. O objeto do cuidado é apresentado como incluindo aspectos sociais, psicológicos e comportamentais. Os médicos são apresentados como parte de uma equipe de profissionais que atuam juntamente com quem demanda atenção, estabelecendo vínculos e compartilhando decisões e responsabilidades. Aqui também é possível identificar a proximidade com o modelo de Educação Popular em Saúde caracterizado por Stotz (2007). Como apresenta Vasconcelos (2001 *apud* STOTZ, 2007) a Educação Popular não se caracteriza como veneração da cultura popular, mas se relaciona com a ideia de que modos de sentir, pensar e agir interagem permanentemente com outros modos diferentes de sentir, pensar e agir. Valorizando o intercâmbio de culturas. Este modo de compreender os processos educacionais ancora-se na perspectiva da coexistência de diferentes racionalidades, tal como anunciado por Lévy-Brühl (*apud* Tambiah, 2013), importante teórico orientador dos pressupostos da teoria das representações sociais, para o qual a mente é um processo social e descontínuo.

Desta compreensão decorre a proposição teórica de que sujeitos buscam uma ou outra forma de saber, dependendo das exigências do ambiente social e da configuração psicossocial de um campo, delineando assim a noção de polifasia cognitiva que, segundo Jovchelovitch (2008; 2011), ajuda o entendimento da dinâmica entre saber e contexto. Moscovici (2010) propõe a polifasia cognitiva como a capacidade das pessoas de pensarem e representarem de muitos modos. Esta capacidade torna-se de grande importância para a prática da comunicação porque a diversidade de situações e experiências, que uma pessoa vivencia no seu cotidiano, exige plasticidade e adaptação às necessidades sociais nesses diferentes contextos de vida.

Deste modo, é possível considerar que os diferentes modelos de Educação em Saúde têm como fundamento distintas significações e valores, privilegiando perspectivas diversas que retratam e armazenam modelos de cuidado na área de saúde e que podem ser úteis em diferentes situações. Tendo em vista o contexto pandêmico, eles podem funcionar como mapas de compreensão da realidade, auxiliando

pessoas a atribuírem inteligibilidade e se orientarem nas situações que evocam o cuidado em saúde, mas também caracterizando um contexto de desenvolvimento para as crianças acerca deste cuidado.

É importante destacar que para Moscovici (2010; 2012), o senso comum é adquirido desde cedo na infância, quando a criança começa a se relacionar, a comunicar e falar, sendo incorporado juntamente com a língua materna e outros elementos da cultura. Com base nisso, compreende-se que o processo de desenvolvimento das crianças no contexto pandêmico, bem como de suas estratégias de enfrentamento em relação a essa nova realidade, perpassa pela elaboração desse saber.

Sobre isso, Teibel (2017) em seu estudo a respeito das redes de significações sobre o cuidado à criança no contexto hospitalar, identificou que estas diferentes redes de significações implicam em projetos representacionais distintos. Aquela associada ao saber biomédico, ao apresentar o papel da criança como passiva em relação ao cuidado ofertado pela equipe, coloca os profissionais como detentores do saber capaz de direcionar tais ações, estabelecendo relações assimétricas, que não exigem do paciente muita consciência sobre o processo de produção de saúde, reduzindo a possibilidade de interações que possam desenvolver na criança noções de autocuidado e fortalecimento da significação de si como alguém capaz e competente.

Por outro lado, o cuidado delineado pela rede de significação associada aos movimentos de humanização, se preocupa em promover a coparticipação de quem demanda a atenção médica, solicitando da equipe ações de orientação e esclarecimento, a partir de interações mais horizontalizadas e que demandam diálogo e negociação entre os diferentes atores sociais. Tal delineamento implica a existência de atores sociais que se posicionam ativamente, dispostos a reflexão e ao questionamento de certezas estabelecidas. Como consequência, favorecem interações que promovem maior consciência sobre o processo de produção de saúde, encorajando o autocuidado e o fortalecimento da significação de si como alguém capaz e competente (TEIBEL, 2017).

Como bem esclarecem Apostolidis, Santos e Kalampalikis (2020) a pandemia gerou uma situação de ameaça generalizada, associada a medidas coercitivas e de controle social sem precedentes que abalaram os modos de funcionamento em nossa sociedade. As novas práticas impostas por essa ameaça, tais como o isolamento social, a educação e o trabalho realizado de forma remota, trouxeram à tona tensões e conflitos na relação Eu (adulto) – Outro (criança), que impactaram na reconfiguração das diferentes atividades desenvolvidas por esses atores no ambiente doméstico, acarretando disputas e conflitos na negociação do atendimento das necessidades de adultos e crianças na escassez de recursos, como tempo e espaço. Com base nesse referencial teórico, é possível compreender que esses atores sociais vão mobilizar significações veiculadas socialmente para elaborar estratégias frente a situação vivenciada, com potencial impacto para a saúde e bem-estar de adultos e crianças.

Preocupados com as oportunidades de desenvolvimento oferecidas às crianças neste cenário de crise, tendo em vista toda problemática da invisibilidade social da criança já denunciada anteriormente pelos estudos da sociologia da infância tal como de Serrão, Tevisan e Sarmiento (2020), foi que o grupo de pesquisa procurou adaptar as ações realizadas por um projeto de extensão que acontecia presencialmente no contexto hospitalar para serem organizadas e desenvolvidas em redes sociais, elaborando o perfil @dra.anatsuru no *Instagram*.

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E PROCESSOS NARRATIVOS: ELEMENTOS PARA SE PENSAR A (RE)CONSTRUÇÃO SOCIOCOGNITIVA DA REALIDADE

O projeto “Rede de Apoio à Infância: interfaces com a Psicologia e Pedagogia” atua, desde 2010, nos contextos educacional, hospitalar e nos espaços urbanos. No ambiente hospitalar, desen-

volve o subprojeto “Binje<sup>1</sup>: em busca de autorias infantis no ambiente hospitalar” e tem se dedicado ao trabalho com crianças hospitalizadas, buscando desenvolver estratégias de enfrentamento psicológico em situações associadas ao adoecimento e a hospitalização.

No escopo do projeto encontra-se a atuação da personagem Dra. Ana Tsuru, que semanalmente contava a história Binje (FREIRE, 2013), uma narrativa que explora conteúdos relacionados ao adoecimento, cuidado e hospitalização, com crianças e seus acompanhantes no contexto hospitalar. O projeto tem como objetivo promover vivências associadas à interpretação da realidade e seu enfrentamento psicológico. O diálogo com as crianças é marcado pelo princípio da escuta e dos processos autorais em ambiente lúdico. Nesse sentido, a criança é convidada a produzir sentidos sobre as informações e protocolos aos quais são submetidas.

Dessa forma, ressalta-se que com a pandemia, a metodologia desse projeto passou a ser reorganizada e desenvolvida em redes sociais, como *Instagram* e *YouTube*. A programação do projeto *Conversa com a Dr<sup>a</sup> Ana Tsuru* foi elaborada para apresentar estratégias de enfrentamento psicológico em situações de crise, convidando crianças e adultos a refletirem e darem legitimidade aos seus sentimentos em um processo dedicado a reconstrução sociocognitiva da realidade face ao estranhamento provocado pela pandemia. Neste aspecto, considera-se o compartilhamento dos conteúdos representacionais sobre a criança como ator social, cujos recursos simbólicos possui potencial para mobilizar redes de significação no interior de grupos sociais.

Tais estratégias partem da compreensão teórica que as pessoas se encontram em um campo cultural que as fornece o significado simbólico tanto para dar sentido ao que acontece, quanto para gerenciar suas interações com outras pessoas (ZITTOUN *et al.*, 2003).

Zittoun *et al.* (2003) contribuem para o estudo do presente debate quando diferenciam as noções de representações sociais dos recursos simbólicos. Para os autores, uma representação social é um sistema de significado compartilhado horizontalmente, enquanto um recurso simbólico é um elemento pontual que uma pessoa utiliza para dar sentido ao que acontece em sua vida ou para gerenciar suas interações com outras pessoas, de modo que o recurso simbólico realizaria uma conexão vertical entre a vida de um sujeito e os significados sociais.

Esses autores enfatizam que as representações sociais exercem restrições no acesso de uma pessoa aos recursos simbólicos de uma cultura, justamente por meio do papel constitutivo que elas têm nas identidades e nas suas ações relacionadas, contribuindo para os processos de legitimação de determinados saberes em relação a outros. Eles alertam, ainda, que as pessoas podem usar esses recursos de forma não reflexiva, como um conhecimento que é expresso por meio de práticas, o que caracteriza, de forma precisa, o caráter objetivo de algumas representações.

Jovchelovitch (2002) assinala que as narrativas são uma das principais formas de discurso por meio das quais as representações sociais são atualizadas e ganham vida, encontrando nelas algo parecido com um terreno privilegiado para se incubar e desenvolver. Isso porque as significações e, conseqüentemente as representações sociais, não são transmitidas soltas, mas imbricadas em narrativas.

Bruner (2002) entende que a cultura contém imagens, narrativas e um conjunto de ferramentas que possibilitam o acesso a um mapa de grande escala sobre como as transações ocorrem. Ele destaca que as narrativas apresentam uma gama de personagens canônicos, os ambientes nos quais eles operam, as ações que são admissíveis e compreensíveis. Sendo que, por meio disso, fornecem orientações sobre papéis, identidades e de mundos possíveis dentro dos quais a ação, o pensamento e própria definição de si são permitidos ou desejáveis.

Bruner (2014) argumenta que

Histórias tornam o inesperado menos surpreendente, menos sinistro: A narrativa é em seu âmago, uma arte popular, lidando com crenças comuns a respeito do jeito das pessoas, de como é o mundo delas. Ela é especializada naquilo que está em risco, ou no que se presume estar em risco. Fabricar histórias é o meio para nos conciliarmos com as surpresas e estranhezas da condição humana, para nos conciliarmos, elas domesticam a imprevisibilidade dando-lhe um verniz de banalidade (BRUNER, 2014, p. 99-100).

Em seus estudos, Bruner (2002; 2014) propõe que as pessoas armazenam modelos de mundo que guiam sua percepção, pensamento e fala. E que esses modelos funcionariam como mapas de compreensão da realidade que ajudariam o sujeito a se orientar de acordo com o que é esperado em sua cultura. Neste caso, é possível considerar que as representações sociais como forma de conhecimentos compartilhados em uma cultura, poderiam ser compreendidas como constructos que integram tais mapas de compreensão da realidade, se apresentando como matérias primas de sua estruturação.

Segundo Andrade e Costa (2020) a articulação entre as ideias de Jovchelovitch (2002), Sennett (1990) e Moscovici (2010) é fecunda e permite anunciar que a narrativa pode ser reconhecida tanto como construção sociocognitiva da realidade, quanto como qualidade de espaço. Assim, destacam o potencial da narrativa para constituir um ambiente de pensamento no interior do qual são compartilhados conteúdos representacionais.

Segundo este entendimento, o pensamento pode ser considerado um ambiente, uma atmosfera social e cultural que forja convenções preliminares, atuando na interpretação da realidade e orientando condutas.

Tal compreensão atenta para a ideia de que a partilha de histórias trabalha no sentido de gerar previsibilidade dos costumes. O que se encontra na base dessa configuração do trabalho é a compreensão de que a veiculação de narrativas promove as representações sociais que se encontram em seu bojo e com isso, acabam por adotar um projeto educativo associado a esse saber. Isso porque as representações de um grupo fornecem as razões que guiam os sujeitos a agir e a planejar em direção à preparação de um futuro, perpetuando valores e saberes capazes de instrumentalizar os sujeitos no delineamento de determinados caminhos (TEIBEL, 2017).

Deste modo, compartilha-se com Pires (2014) a compreensão sobre importância das narrativas tradicionais, que mesmo sem *status* acadêmico têm

a capacidade de construir um saber do mundo que nunca pertenceu totalmente ao domínio da lógica das disciplinas, mesmo que essa lógica tenha se hegemonizado por séculos. Trata-se de uma perspectiva na qual a cultura está implicada em diversas construções semânticas dos sujeitos humanos; essa perspectiva é então indissociável do par experiência/sentido (PIRES, 2014, p. 23).

Considerando o cenário pandêmico, o presente artigo questiona se as representações sociais veiculadas nas Narrativas tradicionais compartilhadas pelo perfil @dra.anatsuru, podem promover saúde e bem-estar no contexto de crise, ao disponibilizar potenciais recursos simbólicos capazes de orientar significações e comportamentos de adultos e crianças, associados a uma rede de significação sobre o cuidado próximo aos movimentos de humanização e do reconhecimento da criança como um ator social competente.

É importante lembrar que o ambiente *on-line*, face às medidas sanitárias de afastamento e de isolamento social, tornou-se um ponto central da realidade no contexto da pandemia por covid-19.

Barreto (2015) caracteriza esse ambiente pela interatividade e pela produção cooperativa entre os usuários, tornando-se um meio potencializador da disseminação de conceitos e de informações, principalmente devido à liberdade de acesso e à participação coletiva.

A cibercultura tem sido objeto de reflexões dos pesquisadores em representações sociais. No âmbito desses esforços, Alves-Mazzotti e Campos (2011) concluem que ela pode ser vista como uma nova estrutura cultural compatível com as concepções de cultura que podem ser apreendidas do trabalho original de Moscovici (2012). Por sua vez, Lahlou (2005) afirma que a tecnologia impacta no processo de compartilhamento das representações sociais e, no caso específico, da internet, criando um nicho ecológico que permite a reprodução e a propagação *in vitro* das representações, o qual favorece a interatividade em massa com esses saberes.

Nesse sentido, é importante destacar novamente o papel das representações sociais como produtoras de realidade, conferindo contornos às vivências promotoras do desenvolvimento infantil, especialmente porque são conhecimentos que conferem recursos simbólicos para que os sujeitos (adultos e crianças) elaborem a relação adulto-criança em seus cotidianos. Assim, destaca-se a oportunidade de analisar os materiais veiculados pelo perfil da @dra.anatsuru no sentido de desvelar os saberes compartilhados com potencial de se apresentarem como fatores de interpretação e de produção da realidade sobre a criança no contexto da crise pandêmica.

## METODOLOGIA

Foram selecionados quatro episódios do perfil @dra.anatsuru na rede social *Instagram* postados entre 17/04/2020 e 02/06/2020. Tais episódios têm como base a busca pelo diálogo com as crianças a partir do compartilhamento de algumas narrativas tradicionais. Eles estão identificados na seguinte forma:

Quadro1: Quadro síntese dos episódios analisados

| Episódios | Narrativa Tradicional             | Data                    |
|-----------|-----------------------------------|-------------------------|
| 1         | Boneca <i>Quitapesares</i>        | 29/04/2020              |
| 2 e 3     | <i>Tsuru</i>                      | 17/04/2020 e 08/05/2020 |
| 4         | História da boneca <i>Abayomi</i> | 02/06/2020              |

Tais episódios serão analisados compreensivamente tendo como base os referenciais teóricos apresentados anteriormente.

### EPISÓDIO 1: A BONECA QUITAPESARES

No episódio apresentado no dia 29/04/2020, Dr. Ana apresenta a Boneca *Quitapesares*, uma boneca originada de uma lenda na Guatemala e destaca a oportunidade de aprender com culturas diferentes da nossa. A lenda relata que a boneca tem o poder de “retirar” as preocupações das pessoas. Para isso, descreve que a pessoa deve contar suas angústias para a boneca antes de dormir, e logo depois, acariciar sua barriga colocando-a debaixo de seu travesseiro. A história conta que a boneca poderá concentrar-se nesses sentimentos durante a noite e quando você acordar estará livre das angústias e preocupações.

Esse episódio tem como legenda “Autocuidado já”, caracterizando a significação associada à narrativa e cuja publicação intenta compartilhar. Observa-se que após a introdução da tradição



popular da boneca é inserida a pauta do autocuidado, o anunciando como algo que se faz para o próprio bem, “que deixa tanto nosso corpo, quanto nossa cabeça bem”.

Neste sentido, nota-se que a publicação caracteriza para as crianças o autocuidado como comportamentos em relação à alimentação, ao sono, ao estabelecimento de uma rotina em casa e destaca aspectos importantes da higiene pessoal contra o contágio do COVID-19. A personagem Dra. Ana finaliza o vídeo enfatizando que o comportamento da criança em contar sobre suas angústias para a boneca e também para os adultos próximos, pode ser caracterizado como uma forma de autocuidado que elas são capazes de realizar por meio do ato de nomear suas emoções.

Dado o exposto, a narrativa tradicional apresentada carrega em seu bojo uma estratégia de enfrentamento relevante em tempos de incertezas e inseguranças, tal como a trazida pela pandemia: a importância de transformar em linguagem a vivência dos sentimentos, o que se encontra diretamente associado ao potencial de elaboração deles. A lenda da boneca *Quitapesares* coloca o sujeito em uma condição imaginária de mediação, na qual a boneca atua na iminência do desenvolvimento do autocuidado associado ao construir uma narrativa sobre esses sentimentos. E a Dra. Ana enfatiza ainda que esse mesmo recurso pode ser utilizado no diálogo com os adultos próximos à criança, potencializando a ampliação desta estratégia no contexto doméstico.

O vídeo tem como base o reconhecimento da criança como sujeito protagonista do seu próprio cuidado e apesar do vídeo falar diretamente com a criança, o adulto tem a oportunidade de acessar tal significação, além de entrar em contato com um repertório para a promoção deste autocuidado infantil. Além disso, é importante destacar o compartilhamento de saberes tradicionais em conjunto com a veiculação de conhecimentos científicos acerca da transmissão do vírus, ofertando um olhar ampliado para a saúde e para a promoção do bem-estar.

## EPISÓDIO 2 E 3: A LENDA DO *TSURU*

A Narrativa tradicional sobre o *tsuru* é oriunda do Japão e envolve a associação desta ave à saúde, boa sorte, esperança e longevidade. Ela foi bastante difundida durante a guerra do Vietnã e conta que se uma pessoa confeccionar mil *tsurus* de origami, um desejo será realizado. Atualmente, o ato de produzir este origami e o entregar para outra pessoa representa desejos de proteção, saúde e bem-estar. Além disso, a arte do origami remete a uma estratégia de enfrentamento da ansiedade por meio de uma atitude que desenvolve concentração e manejo do papel em movimentos firmes e suaves.

No episódio 2, publicado em 17/04/2020, a Dra. Ana inicia o vídeo trazendo a preocupação de alguns pais que trabalham na área da saúde sobre como seus filhos estavam apreensivos e sofrendo ao saberem que eles estavam atuando em um local perigoso para sua contaminação. Assim, o material tem como ponto inicial o medo das crianças em relação à segurança de seus pais, destacando a importância do diálogo entre adultos e crianças sobre os sentimentos que esse momento de crise estava provocando.

Com isso, a personagem apresenta a narrativa sobre o *tsuru* e orienta a criança a entrar em contato com três sentimentos: paciência, cuidado e orgulho. Destaca a paciência como um elemento para que eles consigam esperar o fim deste momento de crise, o que se aproxima da compreensão de que existem certas coisas que não são passíveis de mudança imediata. Por outro lado, a ideia de cuidado reforça o que pode ser feito para que se mantenha a segurança de todos naquele momento, também contribuindo para uma futura finalização da crise. E por fim, a palavra orgulho traz consigo um potencial de ressignificação positiva do sofrimento vivido perante o risco ao qual seus pais ou responsáveis estavam expostos.

Tais palavras são apresentadas de forma a ofertar recursos para que a criança possa caracterizar a vivência deste contexto de crise, buscando ajudá-la a atribuir sentido ao momento vivido a partir da compreensão de que ela é um ator social, capaz de dialogar e negociar com a realidade que a circunda a partir de suas competências.

Por fim, o vídeo finaliza enfatizando a capacitação dos adultos que estão no contexto hospitalar em conhecerem e praticarem os cuidados necessários para a manutenção do bem-estar e convida as crianças a continuarem praticando esse cuidado em suas casas como forma de ajudar seus próprios pais no enfrentamento da crise. Neste momento observa-se ainda a noção de bem comum veiculada sobre o enfrentamento da pandemia, destacando que o cuidado deve ser compartilhado com todos, adultos e crianças em prol da superação da crise.

O episódio 3, publicado em 08/05/2020 se inicia com a Dra. Ana dizendo que discorda da ideia de que “crianças não podem fazer nada para lidar com o momento de crise” e convoca as crianças para uma corrente de pensamento que envolve proteger as pessoas próximas, combinando o desejo de vencerem o COVID-19. Com isso as crianças são convidadas a fazer seu próprio tsuru e enviá-lo (mesmo por foto) para a pessoa que deseja proteger.

A ideia de criar uma corrente de pensamento que envolve trazer proteção às pessoas, pode favorecer com que a criança expresse os sentimentos de medo, insegurança e preocupação que ela possa estar vivenciando em relação a outra pessoa. Ao mesmo tempo, por meio de um “fazer de conta”, cria uma situação imaginária que se coloca na mediação de significações de sentimentos disruptivos produzidos pela crise. Tendo como base a narrativa tradicional, o vídeo valoriza a ideia de integrar as pessoas em prol de um projeto conjunto, e o faz enfatizando o papel colaborativo que a criança pode assumir nesse projeto.

### EPISÓDIO 3: A HISTÓRIA DA BONECA *ABAYOMI*

Esse episódio se inicia com a Dra. Ana fazendo uma saudação de uma tribo africana - “*sawu-bona*” - e que segundo ela significa: “eu vejo você, você é importante para mim e eu te valorizo”. Em seguida a personagem anuncia a participação da professora Renata que irá compartilhar um pouco sobre como o povo africano ensina “o sentido de amor e coragem para as crianças”. Ainda no início do vídeo, é possível perceber a ênfase no valor do diálogo intergeracional, mas também entre culturas.

Na publicação, a professora Renata relata a narrativa da boneca *Abayomi*, que frequentemente é contada como remontando à época da escravidão, sendo confeccionadas a bordo de navios negreiros. Segundo essa história, as mães as faziam para os filhos com os retalhos de suas roupas, as quais rasgavam na esperança de os acalantar naqueles momentos dolorosos que viviam. Assim, as bonecas representariam a resistência, e o amor de mãe, a proteção. Segundo a professora, a boneca *Abayomi* tem dois significados: “encontro precioso” e “o melhor de mim dou a você”. Com isso, é uma boneca que remete a afetividade, esperança, amor e principalmente a resistência de sobreviver a situações difíceis. Ela finaliza o vídeo ensinando a confeccionar a boneca.

De acordo com o explicado pela professora, pode-se entender que a boneca simboliza a capacidade de enfrentamento psicológico de situações ansiogênicas, sinalizando para as crianças que as capacidades de imaginar, criar, brincar são importantes para lidar com a crise, envolvendo a ideia de autocuidado. Por outro lado, sinaliza aos adultos a importância de elaborar um contexto relacional de cuidado com a criança. No centro da cena, destaca-se a representação social da relação adulto-criança na qual, ao tomarem as crianças como interlocutores ativos e protagonistas do processo

de significação, os adultos possibilitam uma relação de confiança interpessoal que opera para na construção social da realidade pelo princípio da dialogicidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do COVID-19 causou rupturas radicais na vida cotidiana de adultos e crianças, afetando inúmeros aspectos de seu dia a dia. Crises como essa, nas quais os sujeitos precisam superar a estranheza em prol da adaptação a uma nova situação, estão na base das atividades de produção de sentido, momento em que os sujeitos se apoiam em recursos simbólicos disponíveis na cultura para superar problemas e rupturas vivenciadas.

O presente trabalho buscou analisar os materiais veiculados pelo perfil da @dra.anatsuru no sentido de desvelar os saberes compartilhados com potencial de se apresentarem como fatores de interpretação e de produção da realidade sobre a criança no contexto da crise pandêmica, compreendendo que tal processo encontra-se diretamente relacionado com a promoção de saúde e bem-estar.

Os vídeos apresentam compartilhamento de narrativas tradicionais em conjunto com a veiculação de conhecimentos científicos acerca da transmissão do vírus, um ponto no qual se evidencia a proximidade com a ideia de Educação Popular em Saúde caracterizado pelo diálogo entre conhecimentos técnicos-científicos e os conhecimentos oriundos do senso comum. Essa ideia encontra-se relacionada diretamente à compreensão de polifasia cognitiva que destaca a importância da capacidade das pessoas em pensar e representar de muitos modos para lidar com a complexidade presente no contexto de vida, em especial neste momento pandêmico, e que envolve desde a criação e manutenção de hábitos de higiene, enfrentamento psicológico de situações ameaçadoras e ansiogênicas, até os processos de ressignificação desta nova realidade.

As narrativas tradicionais sempre existiram e ocorre que no contexto atual onde as mídias sociais atuam com muita intensidade elas podem, se utilizadas com intencionalidade, ter seu potencial formativo ampliado uma vez que as mesmas veiculam o repertório cultural de sociedades construído ao longo do processo histórico compartilhando valores, crenças orientando práticas e a construção de saberes.

Todas as publicações analisadas tiveram como base o reconhecimento da criança como ator social, protagonista do seu próprio cuidado. E apesar dos vídeos falarem diretamente com a criança, também é apresentado ao adulto o contato com essa significação, além de ampliar o repertório para a promoção do cuidado intergeracional. Reitera-se aqui a importância da construção de ambientes de pensamentos nos quais são compartilhados conteúdos representacionais que difundem a competência infantil, reconhecendo-as como sujeitos capazes de dialogar com a realidade e convidando os adultos a colaborarem com esse processo por meio de interações dialógicas, caracterizada pela confiança interpessoal.

Observa-se ainda que essa representação sobre a criança veiculada nos episódios analisados é compatível com a rede de significação sobre o cuidado em saúde pautados nos movimentos de humanização que destacam o protagonismo, a corresponsabilidade e autonomia dos diferentes atores sociais na produção de saúde, além de caracterizar esse cuidado como incluindo aspectos sociais, psicológicos e comportamentais. É importante ressaltar ainda que tal delineamento de interação entre adultos e crianças sobre o cuidado, é potente na produção de recursos simbólicos capazes de atuar na iminência do desenvolvimento acerca da capacidade de enfrentamento psicológico na forma de processos de significação - construção sociocognitiva da realidade - frente ao novo contexto de crise e promovendo saúde e bem-estar.

# THE CORONA VIRUS PANDEMIC AND THE BROADCAST OF TRADITIONAL NARRATIVES IN HEALTH EDUCATION FOR CHILDREN: A DIALOGUE WITH SOCIAL REPRESENTATIONS

*Abstract: the work presented aims to record and theorize about the efforts made by a research group focused on research on and with children, which during the period of the pandemic created and fostered an Instagram profile oriented to the dissemination of materials that aimed to promote dialogue on health and care for children in this crisis context. Four episodes aired on the profile of the social network were selected, which had the sharing of traditional narratives as a basis for promoting dialogue with children about care. Such episodes were comprehensively analyzed based on the theoretical framework of social representations. As a result, it was possible to reflect on the potential in the dissemination of traditional narratives as symbolic resources in times of crisis and uncertainty, aiming at promoting health and well-being in children.*

**Keywords:** *Narrative. Health education. Children. Pandemic. Social Representations*

## Nota

- 1 Binje é o apelido, na infância, do patrono do hospital no qual se desenvolveu o projeto Rede de Apoio à Infância: interfaces com a Psicologia e Pedagogia. Em consonância com a metodologia do projeto (SANTOS, ANDRADE, 2020; ANDRADE, COSTA, 2021), o patrono inspira a construção de uma personagem inserida em narrativas encorajadoras de narrativas infantis daí o título *Binje*: em busca de autorias infantis no contexto hospitalar.

## Referências

- ALVES-MAZZOTTI, Alda. Judith; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Cibercultura: uma nova “era das representações sociais”? *In*: ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araújo (orgs.) *Têoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik, 2011. p. 457-488.
- ANDRADE, Daniela B. S. F.; COSTA, Ângela Cristina Lisboa. O vôo das Cribiás, crianças sabidas, na Cuiabá 300. *In*: ANDRADE, Daniela B. S. F. (org.). *Cribiás 300+*: por uma Educação Patrimonial toda nossa. Cuiabá: Entrelinhas Editora, 2021. *E-book*. Disponível em: [https://www.entrelinhaseditora.com.br/produtos/p.asp?id=302&produto=cribias300\\_por\\_uma\\_educacao\\_patrimonial\\_toda\\_nossa](https://www.entrelinhaseditora.com.br/produtos/p.asp?id=302&produto=cribias300_por_uma_educacao_patrimonial_toda_nossa). Acesso em: 24 abr. 2022.
- ANDRADE, Daniela Freire; COSTA, Ângela Cristina Lisboa. Formação Docente como ambiente de pensamento: projeto representacional e processos narrativos. *Revista Diálogo Educacional*, [S. l.], v. 20, n. 66, p. 962-988, 2020. DOI: 10.7213/1981-416X.20.066.DS02. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/26782>. Acesso em: 23 mar. 2022.
- APOSTOLIDIS, Themistoklis; FONTE, David; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos; SANTOS, Maria Fátima de Souza. Representações sociais e educação terapêutica: questões teórico-práticas. *Saude soc.*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. e190299, 2020. Disponível em: [http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902020000100302&lng=en&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902020000100302&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 abr. 2022.
- APOSTOLIDIS, Thémis; SANTOS, Fátima; KALAMPALIKIS, Nikos. Society Against COVID-19: Challenges for the Socio-genetic Point of View of Social Representations. *Papers on social representation*, v. 29, n. 2, p. 3.1-3.14, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/345775898\\_Society\\_Against\\_Covid-19\\_Challenges\\_for\\_the\\_Socio-genetic\\_Point\\_of\\_View\\_of\\_Social\\_Representations](https://www.researchgate.net/publication/345775898_Society_Against_Covid-19_Challenges_for_the_Socio-genetic_Point_of_View_of_Social_Representations). Acesso em: 5 maio 2021.

- BARRETO, Krícia Helena. *Os memes e as interações sociais na internet: uma interface entre práticas rituais e estudos de face*. Orientadora: Sonia Bittencourt Silveira. 147f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2015.
- BRUNER, Jerome. *Realidade mental, mundos possíveis*. Tradução de Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRUNER, Jerome. *Fabricando histórias: direito, literatura, vida*. Tradução de Fernando L. Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.
- DOISE, Willem. Sistema e metassistema. In: ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araujo (orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik, 2011. p. 123-156.
- FREIRE, Daniela. *Binje*. Cuiabá: EdUFMT, 2013.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Social representations and narrative: stories of public life in Brazil. In: LÁSZLÓ, János; ROGERS, Wendy Stainton. *Narrative approaches in Social Psychology*. Budapest: New Mandate, 2002. p. 47-58.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Representações sociais e polifasia cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão em Psicanálise, sua Imagem e seu Público. In: ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araujo (orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik, 2011. p. 159-176.
- LAHLOU, Saadi. Tecnologia e cultura das representações sociais. In: OLIVEIRA, Denise Cristina; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. *Representações Sociais - uma teoria sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 99-107.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MOSCOVICI, Serge. *A Psicanálise, sua imagem e seu público*. Tradução Sonia Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- PAGLIOSA; Fernando Luiz; DA ROS; Marco Aurélio. Relatório Flexner: Para o Bem e Para o Mal. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Manguinhos, v. 32, n. 4, p. 492-499, out./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v32n4/v32n4a12.pdf>. Acesso em: 02 maio 2016.
- PIRES, Eloiza Gurgel. Educação, narrativa e experiência. *Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.*, Florianópolis, Santa Catarina, v. 15, n. 106, p. 5-26, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8951.2014v15n106p5>. Acesso em 03 abr. 2022.
- SANTANA, Juliana Prates; FRAGA, Larissa dos Santos; FERRARI, Leila Mignac; MELLO, Camila Pinho de. De que criança(s) estão falando? Análise dos memes veiculados no Brasil no período da pandemia do coronavírus. *Sociedad e Infancias*, v. 4, p. 225-228, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/soci.69664>. Acesso em 26 abr. 2021.
- SANTOS, Ruzia Chaouchard; ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire. Narrativas infantis sobre a queixa escolar: metodologia de investigação com crianças. *Cadernos brasileiros de saúde mental*, v. 12, p. 328-352, 2020.

- SENNETT, R. *The conscience of the eye: the design and social life of cities*. New York: Norton & Company, 1990.
- SERRÃO, Bianca; TREVISAN, Gabriela; SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças Digital Influencers no combate à pandemia do Covid19. *Sociedad e Infancias*, v. 4, p. 211-214, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/soci.69656>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- STOTZ, Eduardo. Enfoques sobre Educação Popular e Saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. *Caderno de educação popular e saúde*. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. - Brasília: Ministério da Saúde, 2007. p. 46-57.
- TAMBIAH, Stanley. Múltiplos ordenamentos de realidade: o debate iniciado por Lévy-Brühl. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 22, p. 1-384, 2013.
- TAUSCH, Amy; SOUZA, Renato Oliveira e; VICIANA, Carmen Martinez; CAYETANO, Claudina; BARBOSA, Jarbas; HENNIS, Anselm. Strengthening mental health responses to COVID-19 in the Americas: A health policy analysis and recommendations. *The Lancet Regional Health – Americas*, v. 5, n. 100118, p. 1-10, jan. 2022. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(21\)00114-9/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(21)00114-9/fulltext). Acesso em: 12 fev. 2022.
- TEIBEL, Érica Nayla Harrich. *Narrativa como mediadora de vivências infantis no contexto hospitalar: as representações sociais sobre o cuidado em uma enfermaria pediátrica, segundo equipe de saúde e as significações infantis*. 2017. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2017.
- ZITTOUN, Tania; DUVEEN, Gerard; GILLESPIE, Alex; IVINSON, Gabrielle; PSALTIS, Charis. The Use of Symbolic Resources in Developmental Transitions. *Culture & Psychology*, v. 9, p. 415-448, 2003. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/39731524\\_The\\_Use\\_of\\_Symbolic\\_Resources\\_in\\_Developmental\\_Transitions](https://www.researchgate.net/publication/39731524_The_Use_of_Symbolic_Resources_in_Developmental_Transitions). Acesso em: 20 jun. 2021.